ALVARÁ

EXPOSIÇÃO DE BASAP, GATUNO E LEANDRO MARCOS
CURADORIA DE BERTÍLIO MARTINS

E hoje, dir-vos-ei, não é só preciso comprometer-se com o escrever,
mas com o viver: é preciso resistir no escândalo
e na raiva, mais do que nunca (…)

Pier Paolo Pasolini

Alvará é uma palavra de origem árabe e é o nome dado a exposição de três jovens artistas algarvios – nascidos e crescidos no Sul, às margens de um centro sempre distante e que se quer manter assim: central e longínquo. Alvará é um documento oficial, passado por uma autoridade a favor de alguém, certificando, autorizando ou aprovando certos atos ou direitos. Basap, Gatuno e Leandro Marcos requisitaram os seus alvarás de artista, licenciando-se em Artes Visuais na Universidade do Algarve. Antes disso, porém, exerceram a arte nos espaços possíveis e impossíveis, porque as suas imagens eram maiores que eles mesmos, maiores que o seu Sul, às margens, do seu Algarve mourisco e distante do centro do país. As suas obras não são regionalistas – falam a língua universal das ruas, das cores, das palavras que se convertem em traço artístico, das mensagens que gritam, em forma de obras, num ato contínuo de resistência, pois teimam em ser artistas, em dar-se a ver, em não se calar.

Quando escrevo sobre artistas, deixo que a minha escrita seja contaminada por aquilo que tenho, de momento, à minha volta. Por aquilo que leio, vejo, ouço. E escrevo este texto enquanto leio a obra primorosa de um cineasta-poeta, ou de um poeta-cineasta, Pier Paolo Pasolini. * É um poema-livro que fala dele mesmo, da sua visão da poesia e da arte, que conta a sua história, a história de um rapaz do Sul, de um rapaz que nasceu às margens e que delas se alimentou e alimentou a sua obra. E esta, a obra, transbordou e invadiu o mundo e trouxe as margens ao centro.

Não sei se estes três artistas leram, ou assistiram aos filmes de Pasolini, mas vejo em todos, de modo diverso, o desejo de transbordamento, de gritar imagens que se convertem em gestos. De resistir e de ocupar os espaços, mesmo sem permissão, sem carta de autoridades, sem alvará passado.

Basap escreveu o seu nome nas ruas. Deixou a sua marca nas cidades, e na cidade de Faro, que o viu crescer como artista. Percorreu caminhos e encontrou uma linguagem que é sua, fruto das suas admirações, das suas experiências e da contemporaneidade que permite aos artistas a apropriação e a reescritura. A sua paleta de cores é como uma marca registada, é a sua assinatura. As cores planas e puras, de uma alegria carnavalesca, são usadas como sinais de alerta. A sua obra quer-se fazer ver. E ouvir.

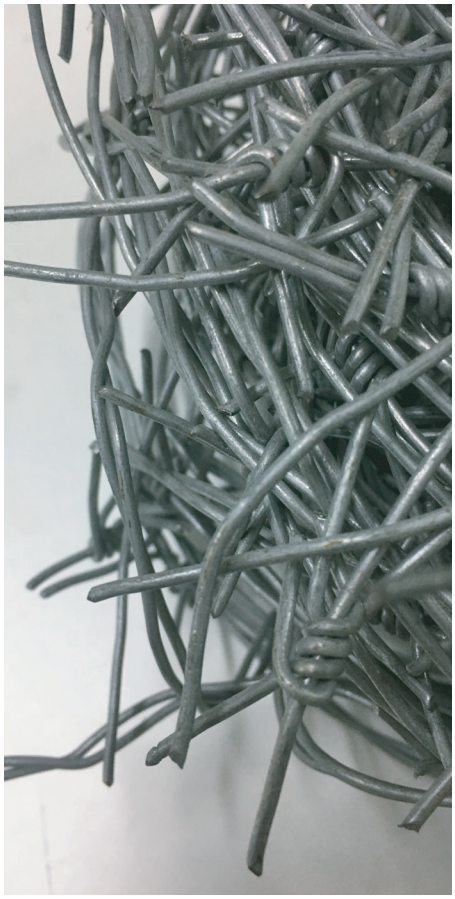
A obra de **Gatuno**, porque podemos falar de uma obra apesar da sua juventude, é composta de traços que ele trouxe do espaço urbano – linhas expressivas, sintéticas. Linhas que se tornam imagens que abarcamos numa olhada rápida. Como Toulouse-Lautrec, Gatuno transporta a sua experiência, como artista gráfico, para as obras de atelier. Os cartazes precisam de ser lidos enquanto caminhamos, apressados. O seu sentido é imediato, ou mesmo urgente, e dessa urgência emergem as peças do artista.

Acompanhei, de perto, as primeiras experiências de **Leandro Marcos** no curso de Artes Visuais. Desta memória registo a persistência, a insistência no gesto que se repetia até configurar-se em imagem labiríntica. Aos poucos, o artista foi encontrando, entre tantos gestos, aquele que é o seu. E este gesto é múltiplo, está presente nas pinturas, nas intervenções que faz na própria tela, no movimento da mão que se expande, e mesmo na tentativa de implicar-se, através das suas obras, no tecido da cidade. Na tessitura que se vai compondo aos poucos, que já estava prevista nas malhas dos primeiros quadros e desenhos. A sua cartografia explodiu em várias direções. E a cidade torna-se pequena.

Três artistas expõem sob a curadoria de outro artista. Todos jovens, todos com o *alvará* de licenciados. Todos vivendo o Sul. Tornando, a cada gesto, obra, exposição, o centro mais periférico. Porque o lugar da Arte é onde ela brota. Ela não precisa que lhe deem permissão ou passaporte. Como escreveu Pasolini, "– enquanto poeta, serei poeta das coisas. / As ações da vida serão só comunicadas, / e serão, elas, a poesia".

Mirian Tavares

*A obra de Pasolini a que me refiro é uma edição de 2021 da Editora Barco Bêbado, *Who is me. Poeta das Cinzas*, poema de Pier Paolo Pasolini traduzido por Ana Isabel Soares. O livro traz ainda imagens de João Jacinto.



ALVARÁ

EXPOSIÇÃO DE BASAP.. GAT.UNO LEANDRO MARCOS

29 abril a 19 junho 2021 | Galeria Trem, Faro | Horário: 11h30-18h seg. a sex. e 10h30-17h sáb. [entrada limitada ao n.º pessoas na galeria]

Exposição no âmbito da programação da Galeria TREM
pelo curso de Artes Visuais/FCHS/UAlg | Promoção: CIAC/FCT
Apoio: Câmara de Faro/Museu Municipal

UAlg FCHS UNIVERSIDADE DO ALGARVE FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CIAC. CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARTES E COMUNICAÇÃO
FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
Faro evoluímos consigo
museu municipal de faro
TREM